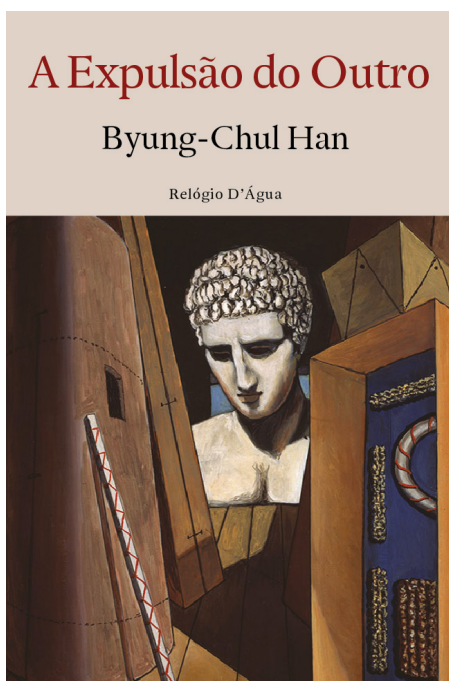


**Byung-Chul Han: *A Expulsão do Outro – Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje*. Lisboa: Relógio D'Água, 2018, 104 pp.
Tradução de Miguel Serras Pereira.**

Pedro Rodrigues Costa (UM)
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade



Em *A Expulsão do Outro – Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje*, Byung Chul-Han analisa o humano na atual contingência social, percetiva e comunicacional. Sobretudo no interior da cultura digital. O livro, de escrita simples e assente em frases curtas mas densas, divide-se em 12 textos: O terror do idêntico; O poder violento do global e o terrorismo; O terror da autenticidade; Medo; Limiares; Alienação; Corpos que se nos Contrapõem; Olhar; Voz; A linguagem do outro; O pensamento do outro; Escutar.

No primeiro texto o autor descreve-nos o “Terror do Idêntico”. Que quer ele dizer com isto? Que as tecnologias atuais, através de produções que chegam às massas por intermédio de filmes, vídeos, jogos, ideias, narrativas, comentários ou *posts* nas redes sociais digitais, ao eliminar distâncias e ao aproximar pessoas com os mesmos gostos e tendências, acabam por anular o diferente, aquele que gosta de coisas diferentes, que consome coisas diferentes, que vive experiências diferentes. Esta “expulsão do outro” acaba por destruir tanto o “outro” como o “eu”, encetando assim um processo de “autodestruição” (Han 2018: 9).

E por que se dá, no seu entender, uma “autodestruição”? Alimentado por tecnologias comuns, os sujeitos vivem, respiram e consomem apenas o “idêntico”, pois “são alimentados de consumo como gado com qualquer coisa que acaba por se tornar sempre a mesma coisa”. Trata-se de uma espécie de processo “excessivamente idêntico” – *Binge Watching* – de consumo ilimitado de vídeos, filmes e outros conteúdos capazes de gerar uma

“perceção generalizada”, portanto “idêntica” (Han 2018: 10).

Assim, ao afastar o diferente, portanto “o outro”, o sujeito vive apenas consigo, com as suas ideias, com os seus hábitos. Aí, “Viajamos por toda a parte sem ter *experiência* alguma. Ficamos ao corrente de tudo sem adquirir com isso *conhecimento* algum”. Ao acumularmos “amigos e seguidores sem experimentarmos nunca o encontro com alguém diferente”, numa permanente “interconexão digital total”, o horizonte de experiências fica cada vez mais estreito, preso a um “anel interminável do eu”, numa “autopropaganda que nos doutrina com as nossas ideias” (Han 2018: 11).

O “terror do idêntico” surge mais tarde, quando o sujeito toma consciência dos seus efeitos vários. São esses: i) Afastando o diferente, o sujeito não se prepara “imunologicamente”. A metáfora biológica serve a Han: a infeção, carregada de novas bactérias, despoleta o fortalecimento de anticorpos. Pelo contrário, o enfarte explica-se pelo aparecimento de gordura, ou seja, reage em “função do excesso do idêntico, da obesidade do sistema”. Não se gerando anticorpos contra a gordura, como acontece ao eliminar-se o outro diferente, o sujeito torna-se obeso de si mesmo, inflacionado de si próprio (Han 2018: 10). ii) Devido ao excesso de informação, mas também da falta de “maturação” motivada pela velocidade a que essa mesma chega, o conhecimento não tem tempo para se instalar, para se fazer “outro”. Tem-se informação, mas é escasso ou nulo o “entendimento” sobre as relações de causa-efeito. iii) Essa escassez de entendimento dos dados, da informação, é substituída pelo “*numérique*” imposto pela lógica digital, pelo numerável (Han 2018: 13). Neste sentido, o autor chega à mesma conclusão de Gabriel Tarde (1992) quando este discorre sobre os efeitos da imprensa sobre a multidão: ao contrário da *ponderação*, dá-se lugar a uma permanente *numeração*, seja da informação como do próprio sujeito. iv) A eliminação do outro como distante, e da própria distância com o efeito aproximador do “digital”, gera a destruição do senso de distância. Sem distância, não há proximidade nem distante: tudo fica “idêntico visto de perto e idêntico visto de longe”. (Han 2018: 15). v) A ideia de uma sociedade digital capaz de uma total transparência em todos os assuntos “elimina a aura e desmitifica o mundo”. Tudo se torna pornográfico no sentido em que “todos os corpos se assemelham” e se revelam “em partes corporais idênticas”. Assim, não existe *jogo*, aquele que é composto pela aparência. A “verdade nua e pornográfica não permite jogo algum, sedução alguma” (Han 2018: 15-16). vi) Com a cultura do idêntico, “os homens não são mais do que bonecos manobrados à distância”. Todos

seguem todos, onde os conteúdos são dispostos por “arames movidos por poderes desconhecidos” (Han 2018: 18).

No segundo texto, *O Poder Violento do Global e o Terrorismo*, o autor descreve a “violência do global como violência do idêntico”, quer dizer, uma força que pretende tudo “intercambiável” e tudo “comparável”. Tudo isto leva a uma perda de “sentido”, na medida em que esse é sempre “incomparável”. Aqui, o autor parece adotar uma postura inscrita no budismo, nomeadamente na ideia de caminho, individualizado, uma busca interna e singular. Ora, esse incomparável, hoje, perdeu-se. O numérico, ou o monetário, confere a mesma medida: o número (Costa, 2020a). Essa pretensa exatidão “nivela” tudo, “reduzindo tudo ao idêntico” (Han 2018: 19).

É daqui que aparece o terrorismo. No entender de Han (2018: 20), o terrorismo não é impelido pelo “religioso em si, mas antes a resistência do singular frente ao poder violento do global. É o terror do próprio global que gera o terrorismo”. De facto, aquilo que hoje não se submete à “equivalência geral da troca” está sujeito ao poder violento do global. A crítica do autor vai assim direta ao coração do neoliberalismo. Considera como seus princípios fundacionais a “exploração” e a “exclusão”. Aponta aí uma “ótica exclusiva” que “identifica como indesejadas e exclui enquanto tais as pessoas inimigas do sistema ou não aptas nos seus termos” (Han 2018: 21). Acrescido a um lado disciplinador do “panótico”, este sistema é “apótico”, quer dizer, encarrega-se da sua própria segurança. E grande parte dessa segurança é alcançada pelo dinheiro: confere estatuto identitário e permite o acesso a elementos de segurança. O que, em certa medida, contribui para o surgimento a figura do inimigo: “o medo de cada um por si mesmo provoca inconscientemente a nostalgia de um inimigo”, servindo paradoxalmente de referência e identidade (Han 2018: 22). O inimigo passa a ser o “outro” – emigrante, refugiado, alienado. Portanto, aquele que necessita de ser “expulso” (Han 2018: 28).

No terceiro texto, o autor debruça-se sobre a “autenticidade” como “adereço de emancipação” (Han 2018: 29). Ser “idêntico a si mesmo”, ou “autor e criador de si mesmo”, é a receita da publicidade global. Não se trata, porém, de acordo com o autor, de uma verdadeira autenticidade. É uma ironia: o que o neoliberalismo pretende é uma “autenticidade sobretudo através do consumo” (Han 2018: 31). Esta publicidade da autenticidade clama pela diferença comercializável, pelas autenticidades das marcas e dos objetos em massa, engendrando uma “coerção narcísica”: o sujeito “não percebe o mundo a não ser sob a forma de matizes de si mesmo”. Sem querer,

negligentemente, o sujeito idêntico e narcísico elimina o “outro” (Han 2018: 31). A publicidade da autenticidade é a tentativa manifestamente ilusória de criar diferenciações narcísicas, isto é, carentes de si mesmo. Só que há aqui um problema: diante de um isolamento narcísico do humano nesta permanente “expulsão do outro”, resulta uma baixa autoestima devido à destruição das gratificações. Porque o “outro” que não “eu”, que poderia olhar-me, confirmar-me e reconhecer-me, desaparece. E esse desaparecimento torna a autoestima instável, porque para a obter seria imprescindível “a noção de que sou importante para outros, de que há outros que me amam” (Han 2018: 33). A autoagressão infligida pelo desaparecimento do outro no universo do idêntico faz feridas na autoestima e gera um cansaço “de si mesmo” (Han 2018: 34). A adição que resulta das *selfies* nas redes sociais digitais é por si só uma revelação de um “eu” narcísico que aumenta o fosso com o outro e acrescenta dimensão ao vazio: “Perante o vazio interior, o sujeito tenta em vão *produzir-se a si mesmo*. Mas é só o vazio que se reproduz. As *selfies* são o eu em formas vazias” (Han 2018: 35). A publicidade da autenticidade, este ser “autor e criador de si mesmo” através do premir do botão na câmara fotográfica do *smartphone* para tirar uma *selfie*, encontra alguma semelhança no premir do botão do engenho da bomba pelo terrorista, na medida em que cada um se rebela contra um tipo de vazio: o bombista pelo vazio da discriminação e do desespero, o *selfista* pelo vazio de “si mesmo”, pela ausência de gratificação do outro diferente (Han 2018: 36).

No quarto texto, intitulado de *Medo*, são convocadas partes de *Ser e Tempo*, de Heidegger (1996). O medo como um estranho, desconhecido e coisa-outra é revisitado pelo olhar heideggeriano: “O medo arranca a “existência” [Dasein = ser/estar aí] (...) à “quotidianidade” familiar e habitual, à conformidade social” (Han 2018: 40). Com isto Han pretende significar que por um lado existe um “se” impessoal, inscrito na conformidade social, que indica o caminho de “como se fazer”, “como se pensar”, “como se sentir” e “como se julgar” que avança diariamente sobre o sujeito. Por outro, o medo como prova de existência de um outro que foge à conformidade social. Hoje, nas palavras de Han (2018, pp.40-42), é esse medo que está a ser expulso porque o medo traz a morte e essa é agora “privada de qualquer mensagem”, já não é “um modo de ser” (Han 2018: 40). A morte que o medo anuncia “significa simplesmente a des-produção”, um “ser sem ente”, um tédio “estupefacto e sem fala” (Han 2018: 41). Ora, “hoje a produção totalizou-se transformando-se na única forma de vida” (Han 2018: 40). O medo afasta o idêntico e então é inimigo. Ao afastar o medo, prevalece o

idêntico. Daí que é importante tê-lo como inimigo, mas afastado e difuso: “medo de ficar à margem, medo de se enganar, medo de falhar, medo de fracassar” (Han 2018: 43). Deve ter-se medo daquele que sente medo e vive feliz. O neoliberalismo professa que “o medo aumenta a produtividade” (Han 2018: 44), na medida em que coloca o medo como o “outro”, que deve ser “expulso” se gerar felicidade ou que deve ser “amestrado” para fazer correr, agir. Enfim, para fazer produzir.

O perigo do medo assumido como limiar é o de que o sujeito pode autonomizar-se diante dele e, por isso mesmo, ultrapassá-lo. Ora, isso significa ultrapassar o idêntico. Daí a importância de amestrar os medos, tendo-os como negatividade, como outro. É isso que nos diz o quinto texto, *Limiares*. O limiar gerado pelo medo pode amedrontar mas também deslumbrar. Para não fugir do idêntico, o sistema quer o medo que amedronte em direção à produção infinita como resposta permanente (Han 2018: 46).

Assim, nos tempos de hoje, a “hipercomunicação” gera alienação (sexto texto) em todos os sentidos, na medida em que ela é autodestrutiva, é “uma alienação de si mesmo” (Han 2018: 50). Essa alienação de si mesmo resulta de uma experiência do presente tendo como base não um tempo onde o sujeito-outro, diferente, é objeto mas antes um tempo onde o sujeito é um outro tipo de objeto, um *obicere*, “algo de contrário, que se vira contra mim, que se atira contra mim” (Han 2018: 51). Se me coloca um *Gosto*, está a meu favor. Se me coloca uma crítica, está contra mim (Costa, 2020b). Mais: se nem um *Gosto* coloca, reflete a ausência de contrapeso e desaparece, é expulso: “a ordem digital provoca uma descorporalização crescente do mundo” (Han 2018: 53).

Com a metáfora do louva-a-deus fêmea que olha o macho para o devorar, de Lacan, Byung Chul-Han, em *Olhar*, salienta a importância do *olhar do outro* sobre mim, que me provoca medo. Se eu for idêntico, passo o teste. Se for diferente, sou olhado como outro. O “triunfo do olhar sobre o olho” é o triunfo de um mundo pobre em olhares, mas rico em “observar o outro”, gerando, todavia, a ideia de que o outro não está a ser “observado”. Isto influencia uma dissimulada “dominação pelo olhar”, pois gera-se a falsa sensação de liberdade, na medida em que o olhar direto tendia para uma repressão. Assim, as pessoas despem-se voluntariamente, aumentando o perigo que correm (Han, 2018, pp.59-62).

Se não há olhar, também não existe *Voz* (nono texto). Ao descorporalizar, o meio digital também elimina a voz, privando-a da sua rugosidade, da sua profundidade, da sua capacidade sedutora (Han 2018: 72). Assim, A

Linguagem do Outro (décimo texto) é sempre a mesma. Não há olhar, não há voz, não há assombro. Em suma, não há outro: “a comunicação atual aspira a eliminar do outro esses ‘fatores do tu’ e a pôr o outro no mesmo nível que o ‘isso’, concretamente, tornando-o idêntico” (Han 2018: 80).

Ora, isto gera um afogamento do si mesmo na medida em que a dualidade “Eu” e “Outro” se extinguiu. Ao expulsá-lo, sugere Han, já não posso aproveitar as vantagens do “outro enquanto enigma” (Han 2018: 84). Tal leva o filósofo a concluir que “no futuro haverá, possivelmente, uma profissão a que se chamará *ouvinte*” (Han 2018: 87). No seu entender, pessoas serão pagas para escutar outras uma vez que hoje ninguém escuta ninguém. Ao contrário da comunicação digital, na analógica temos um destinatário pessoal. Por seu turno, a comunicação digital é expansiva e despersonalizada. Não necessita de olhar, de voz nem de interlocutor. Enviamos frequentemente mensagens “que não são dirigidas a uma pessoa concreta” (Han 2018: 91). Não se promove uma cultura de discussão e, como tal, não se escuta coisa nenhuma a não ser aquilo que a nossa subjetividade e paixão pretende ecoar ou receber. Até porque obtenho informação da rede sem me dirigir a alguém em concreto. Apanho essa informação porque só encontro o que me interessa, que me comove, que me apaixona. O outro nada me diz. Não o vejo, não o ouço e nem o sinto. Ao expulsar o outro, só me vejo, ouço e escuto a mim mesmo.

Byung-Chul Han oferece-nos, ao longo de 95 páginas, uma visão fáustica sobre os tempos atuais marcados pelo advento da comunicação digital. Utiliza uma lógica simples, porém certeira: aquilo que não contribui para o nosso fortalecimento enquanto sujeitos, membros de comunidades, funciona como algo destrutivo. A “expulsão do outro”, a consequente autodestruição pela ausência de referenciais exteriores a mim, o desaparecimento do olhar que me poderia reprimir, orientando-me, durante o pensamento ou no início de um ato, a ausência de uma voz capaz de gerar uma profundidade estética e sonora superior à dimensão meramente racional da inteligência, a aniquilação da arte de escutar e de discutir e a descorporalização que gera a ilusão de liberdade, são, no seu entender, sintomas de um tempo depressivo e apenas ao serviço da subjetividade individual e de um neoliberalismo incessantemente focado na relação produção-consumo.

Na maioria das vezes, o autor dá conta. Nada sugere. Parte de uma atitude compreensiva pela via fáustica. Poderia fazê-lo pela via prometeica, otimista. Mas não. Segue a via com a qual concorda que não é caminho. Num tempo também marcado pela ideologia, demonstra também saber

distinguir e aceitar, ao longo do texto, o papel de observador, de investigador. Nunca de ideólogo. Mas são óbvias as recomendações subliminares: é preciso advertir; é preciso mostrar as consequências; é necessário informar e dar a conhecer os resultados. Percebe-se, na sua leitura, que não adianta forçar a mudança. Ao convocar apenas aquilo que no seu entender está menos bem, está implícita uma moral tipicamente budista na sua análise: quando o aluno estiver preparado, o mestre aparecerá. Sejam, para contrabalançar e finalizar, otimistas: talvez o aluno desta inexorável contingência marcada pela comunicação digital esteja ainda no tempo do encaixe das advertências, no tempo da tentativa de experimentar para depois compreender, no início de um novo processo de aprendizagem que, mediante esta “permanente autodestruição”, o levará a um impulso vital regenerativo.

Referências bibliográficas

Byung-Chul Han (2018). *A Expulsão do Outro – Sociedade, Percepção e Comunicação Hoje*. Lisboa: Relógio D’Água.

Costa, P. R. (2020a). A presença de arquétipos nos youtubers: modos e estratégias de influência. *Revista Galáxia*, 45: 5-19. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020347613>

----- (2020b). Uma cartografia do ódio no Facebook: gatilhos, insultos e imitações. *Comunicação Pública*, 15(29): 01-28. <https://journals.openedition.org/cp/11367>

Heidegger, M. (2015). *Ser e Tempo*. São Paulo: Editora Vozes.

Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Tarde, J. G. (1901/1992). *A Opinião e as Massas*. São Paulo: Martins Fontes.